

Carta sobre Escrita – 19

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Estamos recordados do desafio sobre redigirem um texto sobre escrita, que seria depois partilhado entre os que respondessem ao desafio? Assim foi feito. Houve três respostas e cada um dos respetivos autores recebeu o conjunto dos textos.

Mas os ditos autores aceitaram que os seus textos fossem partilhados com os outros. E é isso que desta vez se faz. A ideia é ainda a mesma: cada um de nós é, por si mesmo, chamado a pensar sobre a escrita, embora não sejam muitos os que o façam por escrito. Mas não há nenhuma boa razão para que aqueles que o fazem vejam os seus textos destinados à gaveta ou à quase clandestinidade. Partilhá-los é, de algum modo, dar-lhes mais vida e, por outro lado, talvez estimular novas reflexões. Todos somos capazes de pensar, e de escrever, e de dar a ler o que escrevemos. Fazê-lo perante outros é afirmar-se como capaz disso mesmo.

Parabéns a quem aproveitou a oportunidade. E obrigado por terem aceitado a partilha. Aqui vão os textos (por ordem alfabética dos autores).

De **Caminaté Na Rang**

A minha carta sobre escrita

Depois de ter recebido muitas cartas sobre a escrita, decidi finalmente sentar-me à mesa, de madrugada, um momento em que para mim os reflexos do pensamento soltam-se mais.

Hoje eu escrevo o meu primeiro texto que me obriga a refletir sobre a escrita no seu todo. Começo por dizer que a escrita, como todos sabem, é uma arte que nos faz viajar e criar um mundo excecional e não só. É uma ferramenta poderosa que, quando é bem utilizada, muda tudo!

E como sabemos também, escrever é fácil quando é feito sem regras escrupulosas. Mas quando segue um princípio definido, nem todas as pessoas são capazes de cumpri-lo, não obstante com muito trabalho e dedicação da pessoa conseguir.

Hoje aventuro-me no mundo da escrita porque consegui compreender que para chegar a um certo ponto é preciso reunirmos ferramentas que nos dão “asas” para chegar onde queremos. É uma coisa também que podia ser feita doutra maneira, mas a escrita, assim como a matemática, nunca nos larga. Eu acredito que com o esforço qualquer um consegue ser um escritor e, com efeito, “é preciso ver as coisas com outros olhos se queremos não ser só mais um no meio de milhões” (A. Jana). Os conselhos que escuto e que levo comigo sempre são: antes de querer ser um escritor, queira ser ainda um leitor e procure estar perto das pessoas que sabem e dominam. Só assim uma cobra cresce.

Eu era uma pessoa que acreditava que para ser um génio não é preciso treino, mas sim mais curiosidade e aventura. Pensamento esse que eu alimentava porque faltava-me alguém que

me tocasse e mostrasse a realidade das coisas. E hoje sento-me e faço reflexões que até me dão graças. A inocência também faz parte da nossa vida e é normal.

Depois de todos esses conselhos que recebi e continuo a receber, só mais uma coisa: não basta só o desejo para que tudo se torne realidade. É preciso querer e fazer, ir à procura, se for preciso fazer a mente sofrer porque às vezes custa muito um sacudir de cabeça e dizer: Eu quero, eu posso, eu faço e farei agora. O agora é nunca que antes.

Finalizo esta minha breve reflexão com o seguinte: mesmo com toda a ocupação deste mundo, nunca deixemos de arranjar um minuto e se for mais, melhor ainda, para dedicarmos à leitura, porque é fonte de conhecimento. E conhecimento atualmente é tudo.

Caminaté Na Rang

De Adul Djau

É um prazer enorme poder partilhar o meu olhar sobre a escrita com os outros jovens – jovens escritores.

Mas antes, agradeço muito pelas cartas que temos recebido ao longo deste período. Pois elas, acima de tudo, são a esperança e crença de um dia ver uma obra minha concluída ou talvez publicada.

Sou Adul Djau, estudante do segundo ano da licenciatura em língua portuguesa na escola superior de educação " TCHICO TÉ" – CAMÕES em Guiné Bissau - Bissau. Adoro obras das literaturas africanas: Pepetela, Odete Costa Semedo, Mia Couto, entre outros.

Tive sobressaltos ao longo do meu percurso estudantil, apesar de tudo, desistir nunca passou pela minha mole cabecinha. Não sei donde, o que me influenciara, porém desde terceiro ciclo escrevia coisas nas linhas do meu confidente, antes de dormir. E tempos depois, comecei a escrever líricas com intuito de ser músico. E agora? Estou aqui, com sonhos de um dia criar e publicar uma obra – poesia, conto ou talvez romance.

Tenho bastante desejo de escrever, sobretudo nas calçadas da noite. Contudo, falar exatamente do que me desloca pela escrita, na verdade, não sei responder ou talvez nunca saiba.

Entretanto, através do meu mundo sensível, no meio das minhas angústias, das minhas alegrias, dos meus conflitos pessoais e perante exposição das lágrimas de crianças e da dura realidade das mulheres da minha aldeia, bem como, diante da hipocrisia dos homens e outras atrocidades humanas, são esses os elementos com os quais tento efetuar a minha escrita.

Disse, um dos maiores poetas, senão o maior de todos os tempos, Fernando Pessoa, na filosofia do fingimento. "Ninguém escreve com base em nada se não a partir de um terraço_ coração (mundo das sensações) sobre outra coisa ainda que é mais bela_ a razão (intelectualização e imaginação)".

Nesta perspectiva, gastando folhas e folhas, de um caderno a outro, nem mesmo assim tenho alguma esperança na minha ilusão. Vai preferir que parasse de sonhar, mas não, pois sei bem das condições patentes.

Um país, pouco conhecido a nível da literatura pelos inúmeros fatores precedentes e presentes: não temos editoras, salvo erro, apenas uma, porém não pública. Com isso, obviamente, o interesse pela escrita é apenas uma miragem se o que se escreve jamais seria publicada.

Além disso, o público leitor é muito reduzido dado a falta de qualidade no sector da educação e consequentemente baixo nível da literacia. Seria como se fosse espelhar [???] no espelho e o reflexo de si fosse apenas visto pelos outros, ou seja, exhibir filme para um cego, infelizmente. Mas, felizmente o horizonte das letras ultrapassa os horizontes.

Sendo assim, é muito desencorajador e desmotivador o exercício de escrever, tal qual o de anestesiar a paixão pela escrita. A qual é, na minha concepção, tão fundamental e tão urgente para conservação da nossa cultura, traços de uma sociedade, situações sociais e mundivivência dum povo num determinado período.

Aliás, a escrita é um mundo onde se guarda mundos de cada mundo, isto é, o lugar onde amparo meus conflitos com o meio onde vivo.

Escrevo porque gosto e desejo tanto aprimorar a arte de escrever, quando escrevo sinto-me livre da minha própria jaula, ainda mais, nela sou como um passarinho.

Creio, decerto, que através dos vossos conselhos, as cartas já lidas e as outras que virão contribuirão cada vez mais na realização do meu maior sonho, sendo jovem sonhador e escritor.

Adul Djau

De **Pinto Chico Nancassa**

Caros amigos,

É meu desejo que esteja tudo bem com cada um de nós.

Em resposta ao desafio que nos foi lançado pelo senhor Jana, de partilharmos as nossas ideias sobre a escrita, eis que me aventuro a "oferecer-vos" a seguinte carta.

O meu último poema (escrito no dia 9 deste mês [Junho de 2023] - sexta-feira passada) começa assim:

"Dias assim: frios, mansos, silenciosos,
deixam-me sempre triste da vida,
encoberto na minha casca,
mas com uma grave nudez na alma...".

Escrevi-o enquanto trabalhava e o dia estava cinzento. Este é o tipo de clima que normalmente mexe comigo, o que, frequentemente, me leva a procurar a escrita. Em dias assim,

"incômodos", procuro sempre saídas, de preferência escrevendo ou escutando a música. Este é o meu jeito de lidar com as dores ou mágoas, sejam elas dos dias frios ou outros.

Não escrevo só em dias "melancólicos", mas também em outros - em dias festivos, por exemplo - quando a situação o justifica. Às vezes escrevo, encarnando situações que não me dizem respeito. Outras vezes, sinto necessidade de escrever mesmo sem um motivo especial, mas não encontro as palavras certas. Isso leva-me a procurar inspiração noutros autores com maiores experiências e maiores alcances, tal é o que nos recomendaram variadíssimas vezes. Ou seja, uma vez inventada a roda, é só vermos o modelo e aplicar ao nosso gosto e possibilidade (criativa, neste caso).

Assim sendo, quando Pessoa, no seu poema "Autopsicografia", nos diz que

"O poeta é um fingidor,
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor,

A dor que deveras sente...",

à partida podemos não "sentir" a rica mensagem que o texto nos apresenta, ficando apenas maravilhados pela sua beleza artística. Podemos até nem (ou nunca) perceber a "dor" de que fala em relação ao "poeta fingidor" ou por que é que o mesmo (poeta) finge.

Quando escrevi o texto de que falei acima, fi-lo para expressar o meu estado de espírito nesse dia, como o podia ser em todos os dias similares, e não só. Para tal, procurei pôr nele tudo quando pudesse ajudar-me a "definir" esse meu estado noturno, tal como fez Fernando Pessoa ao definir "o fingimento poético", assim como o grande Camões havia feito ao definir o amor: "... fogo que arde sem ver; / ... ferida que dói e não se sente; / ... contentamento desconte; / ... dor que desatina sem doer...".

Algumas estrofes mais adiante, o meu poema continua:

"Perco a noção da minha existência,
só me reconheço na dor alheia,
dor amiga e companheira.
Da alegria apenas sinto saudades
de uma vida que deveria ter vivido,
mas que se me escapuliu algures à nascença.

Pioro quando chove,
parece que as gotas da chuva
me adentram as veias
e me afogam na própria mágoa...".

Se o texto é bom ou não, isso fica ao critério do leitor ou "analista"; a mim me basta o meu esforço e intenção. O que fiz, e que tenho feito desde que comecei a escrever, foi expor tudo o que me ia dentro, procurando as melhores formas de o fazer. Esse fazer é algo que fui aprendendo com os outros, mas sobretudo comigo mesmo, através do esforço que fui fazendo para me apropriar das melhores formas da escrita sem ter de perder a originalidade.

É desta forma que, quando tive conhecimento dos heterônimos de Fernando Pessoa, percebi como é difícil lidar com as nossas diferentes marés quando nos chegam com o seu próprio "tom". Não que esteja a defender a criação de heterônimos, mas percebendo que os sentimentos funcionam como o clima (que às vezes muda de repente), Fernando Pessoa foi espetacularmente exímio em "desdobrar-se" em diferentes pessoas, cada uma representando uma "ideologia, crença ou forma de ser e estar", exercendo (e sofrendo) as mais variadas influências em função dos diferentes contextos em que se projeta.

Enfim, como disse outro grande e saudoso poeta guineense,

"A poesia está nas asas da aurora
quando o sol desperta..." (Vasco Cabral),

a escrita está (às vezes) nas mais simples coisas ou situações da vida diária; basta-nos estar atentos e termos suficientes "engenho e arte" (Camões) para as representar (as diferentes situações) devidamente.

Espero que tenha valido a pena. Boas leitura e escrita!

Pinto Chico Nancassa